

A Imagem Latente Reconfigurada Como Possibilidade Acontecimental¹

Luis Fernando FRANZOLOSO²

Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

A “imagem latente” é, para Fontcuberta (2012), um dos fundamentos mais poéticos da fotografia. Este trabalho tem como objetivo pensar tal potencial imagético na perspectiva acontecimental, conceito trabalhado por Louis Quéré (2005, 2012), Sousa Dias (2012), Ronaldo Henn (2006, 2010, 2015, 2019), Gilles Deleuze (1998), entre outros. Ademais, buscou-se tensionar relações entre fotografias de Felipe Dana com teorias do acontecimento jornalístico, atualizando a imagem latente argêntica para o que seria sua equivalência digital. Para tal, foram selecionadas imagens “vetadas” pelo algoritmo da plataforma Instagram, sendo necessário um clique a mais para a visualização das mesmas, numa relação de “vir a ser” acontecimental.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; imagem latente; imagem, acontecimento; Instagram.

1. IMAGEM LATENTE

A imagem latente (*latens*, em latim, “escondido”) é um termo da fotografia conhecido pelos fotógrafos que trabalham com película fotográfica, ou seja, com a fotografia chamada analógica. Foi ainda no século XIX quando o francês Louis Jacques Mandé Daguerre, um dos precursores da fotografia, trabalhava para tentar fixar uma imagem, no que viria a ser posteriormente o daguerreótipo. O problema dos compostos de sais de prata era que, mesmo com a rapidez na fixação da imagem, esta era por demais rudimentar, e não permanecia visível por muito tempo. Daguerre conseguiu resolver este impasse, segundo ele próprio, por acaso (SALLES, 2008). Depois de um dia exaustivo de trabalho e decepcionado por não conseguir obter resultados satisfatórios, Daguerre guarda uma das chapas num armário, esquecendo-a por alguns dias. Certo dia, ao abrir o armário depara-se com uma imagem impressa nela, que antes não estava lá. Procurando a razão do fato desconfiou que havia sido o mercúrio de um

¹ Trabalho apresentado na DT 4 - Comunicação Audiovisual do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023.

² Doutorando do Curso de Comunicação da UNISINOS, email: lufffoto@gmail.com

termômetro que tinha se quebrado. Fez alguns testes e o resultado foi o daguerreótipo (SALLES, 2008). Finalmente, havia sido contornado o problema da nitidez e da fixação da imagem. É ao pintor Daguerre que se deve o mérito de ter aperfeiçoado o processo sugerido por Niépce, tornando-o disponível a todos (FREUND, 1989, p. 38). É muito provável que essa descoberta casual da “imagem latente”, por Daguerre, em 1835, tenha colaborado para associar a fotografia a uma técnica de “tornar visível” (LISSOVSKY, 2008, p. 23).

Ao impressionar o filme ou o papel fotográfico, a luz que incide nas substâncias fotossensíveis deixa um leve rastro, que é a imagem em potência, mas que permanece ainda invisível ao olho. Falando de forma mais precisa: a luz afeta os sais de prata suspensos na emulsão fotossensível oxidando um certo número de moléculas, as quais se decompõem e produzem por sua vez moléculas de gás halogênio e átomos de prata (FONTCUBERTA, 2012, p. 38). Ao entrar em contato com banhos químicos, essa imagem “escondida” é “revelada” e se mostra. Em outras palavras, a imagem latente é uma imagem que está lá, mas ainda não é nada, senão um vir a ser. “De modo geral, a presença da imagem latente como mediação entre a experiência e a imagem consumada nos fala de esperança e desejo: das esperanças e desejos que depositamos em um ato de expressão cujo resultado permanece no terreno da incerteza” (FONTCUBERTA, 2012, p. 39-40). Incerteza que só aliviará a ansiedade da espera depois de revelado o filme, por isso, para Fontcuberta, “a imagem latente não é somente o esboço de um registro, é uma promessa de felicidade” (FONTCUBERTA, 2012, p. 41).

1.1 Imagem latente reconfigurada

Com a mudança do suporte fotográfico químico para o eletrônico, uma primeira questão levantada por Fontcuberta (2012) é: a fotografia eletrônica renuncia à magia da imagem latente? A resposta do autor catalão é não. Conforme suas palavras

Comprovam os competentes no assunto que tecnicamente não se pode dividir de forma definitiva a tecnologia microeletrônica da fotoquímica, pois nos sensores das câmeras digitais ocorre um fenômeno semelhante com o da imagem latente: nos cristais de silício também há a necessidade da luz gerar algumas partículas de impureza,

quase invisíveis, para liberar o que se conhece como “desenvolvimento epitaxial” (FONTCUBERTA, 2012, p. 41).

Ou seja, toda imagem digital, que Fontcuberta chama de infográfica, é guardada em uma matriz numérica e só se torna evidente ao olhar quando transferida para suportes como tela ou papel. Em outros termos, “todo arquivo digital em formato gráfico é de fato uma imagem latente” (FONTCUBERTA, 2012, p. 41). Como isso, conforme o pesquisador, não se fala mais em “revelar” as imagens, mas sim em “abrilas”, pois de fato se está frequentemente abrindo-as e fechando-as (FONTCUBERTA, 2012, p. 41). Seguramente pode-se afirmar que na fotografia argêntica a imagem latente está “escondida” e na fotografia digital está “fechada”, o que significa que o acesso ao conteúdo se mostra mais livre no segundo caso (FONTCUBERTA, 2012, p. 42).

2. ACONTECIMENTO

Para este texto, pensar sobre a revelação da imagem latente, em que o fim da espera se rompe, seria pensar como os acontecimentos se revelam. Mesmo sabendo que "pensar em termos de acontecimento não é fácil" (DIAS, 2012, p. 100), visto que de acordo com Dias o acontecimento é da ordem da virtualidade, "é um puro virtual", ou seja, um devir, um movimento sem fim (DIAS, 2012, p. 101). De início já somos confrontados com conceitos escorregadios, com o virtual. De maneira sucinta e de modo algum esgotada a discussão aqui sobre o assunto,

O virtual não se opõe ao real mas apenas ao actual. O que se opõe ao real é o possível, mas o virtual não é o possível. O possível, enquanto tal, não possui realidade. Por isso o processo característico do possível só pode ser a realização: um possível realiza-se (ou não) e, por esse processo, adquire uma realidade que por si mesmo não tem. Mas o virtual não carece de realidade. Pelo contrário, ele goza de uma perfeita realidade, é plenamente real, pelo que a única coisa que os seres existentes lhe podem fornecer é actualidade: a actualização é o processo próprio do virtual. (DIAS, 2012, p. 94).

Já para Leibniz, na leitura de Dias, o acontecimento não possui a natureza de uma virtualidade, mas antes a de uma possibilidade, é um possível (DIAS, 2012, p. 105), de modo que, "por sua natureza, o acontecimento situa-se na escala das probabilidades de ocorrência" (RODRIGUES, 1993, p. 27), bem como a fotografia analógica, depois da revelação da imagem latente, pode vir a ser uma imagem efetivamente.

Para Queré (2005), enquanto coisa no mundo, marcado no tempo, acontecimento implica uma categoria particular de experiência. Pode ter sido esperado e, "quando produzido, satisfazer ou desfazer as esperanças, validar ou contrariar as previsões, preencher ou desiludir as expectativas" (QUERÉ, 2005, p. 67). Quando um filme fotográfico é revelado, a imagem que está lá, escondida, é uma possibilidade de vir a ser. Mas, dependendo de fatores diversos (erro do fotógrafo na medição da luz, erro nos banhos químicos etc), ela pode nunca existir de fato. É aquela "promessa" de que fala Fontcuberta (2012), podendo satisfazer o fotógrafo ou desiludi-lo em suas expectativas. Para tentar dar conta de algo abstrato como a imagem latente, propomos recorrer ao acontecimento filosófico deleuziano, que de acordo com Dias (2012) não é atual nem existe, pois "é virtual e como tal subexiste, subsiste". O acontecimento, na perspectiva observada por Dias (2012), não é o que aconteceu, ou o que está para acontecer, mas sim está entre ambos, ou melhor, é as duas coisas ao mesmo tempo, "o inactual entre-dois, em simultâneo o que vai ocorrer e o que ocorreu já num tempo próprio, sem presente, num tempo infinitivo não-cronológico" (DIAS, 2012, p. 13-14). É nesse lugar simultâneo, do que ocorreu (o clique fotográfico) e o que vai ocorrer (a revelação), que encontra-se a imagem latente.

3. CONSIDERAÇÕES

Como contribuição, este breve trabalho deverá ser ampliado, desdobrando-se em outras discussões entre imagem latente, acontecimento e fotografia. Observando o trabalho do fotógrafo Felipe Dana na plataforma Instagram, podemos tensionar os conceitos apontados aqui, atualizados para uma imagem latente eletrônica, que deve ser acionada e não mais revelada. Ampliando a ideia de segundo clique proposto por José Afonso da Silva Junior (2015), chegamos a um momento em que a fotografia necessita de um terceiro clique, que é o clique que autoriza a visualização, ou melhor, a abertura da imagem latente eletrônica. O que antes necessitava de banhos químicos para revelar a imagem (escondida), agora demanda uma autorização para abri-la (fechada). Charaudeau (2006) entende que para o acontecimento existir é necessário nomeá-lo. Será nas imagens do fotojornalista Felipe Dana que pretendemos nomear o acontecimento, lembrando que "o acontecimento só se torna notícia a partir do momento em que é levado ao conhecimento de alguém" (CHARAUDEAU, 2007, p.

132). De acordo com Ronaldo Henn (2010, p. 78), o acontecimento tem um poder de revelação, que nos faz viver, sentir e pensar, por acontecimentos (DIAS, 2012, p. 112-3).

REFERÊNCIAS

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B.. Topologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

DELEUZE, G. **A lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DIAS, Sousa. **Lógica do acontecimento**. Introdução ao pensamento de Deleuze. Lisboa: Documenta, 2012.

FREUND, Gisèle. **Fotografia e sociedade**. Coleção Comunicação & Linguagens. Lisboa: Vega, 1989.

FONTCUBERTA, Joan. **A câmera de pandora**: a fotografia@ depois da fotografia. São Paulo: G. Gilli, 2012.

HENN, Ronaldo Cesar. Direito à memória na semiosfera midiaticizada. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, VIII(3): 177-184, set/dez, 2006.

HENN, Ronaldo Cesar; DIAS, Marlon Santa Maria. Se ela é não-binária, por que se referem no feminino?: um corpo estranho em disputa. **Revista Famecos - mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 26, n. 3, set./dez., 2019.

HENN, Ronaldo Cesar; OLIVEIRA, Felipe Moura de. Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica. **Revista Famecos - mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 22, n. 3, julho, agosto e setembro de 2015.

HENN, R. C.. O acontecimento em sua dimensão semiótica. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular. 2010.

LISSOVSKY, Mauricio. **A máquina de esperar**: origem e estética da fotografia moderna. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

QUERÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, [S.l.], n. 6, p. 59-76, 2005.

QUERÉ, L. A dupla vida do acontecimento. In: FRANÇA e OLIVEIRA. **Acontecimento**: Reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

RODRIGUES, A. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega. 1993. p. 27-33.

SALLES, Filipe. **Breve história da fotografia**. Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br/index.php/fotografia/33-fotohistoria/168-histfoto>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

SILVA JUNIOR, José Afonso da. O segundo clique da fotografia. Entre o registro do instante e instante compartilhado. **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1924-1.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2021.